

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Formação
Docente:
Princípios e
Fundamentos 6



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	Formação docente [recurso eletrônico]: princípios e fundamentos 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente: Princípios e Fundamentos; v. 6) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-372-9 DOI 10.22533/at.ed.729193005 1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

No seu sexto é necessário refletir a formação de professores reflexivos compreende um projeto humano emancipatório, implica em posições político-educacionais que apostam nos professores como autores na prática social. A formação de professores na disposição reflexiva, se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras da formação continua dos professores, no local de trabalho, em redes de autoformação, e em parceria com outras instituições de formação. Isto porque trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens, também eles, em constante processo de transformação cultural, de valores, de interesses e necessidades, requerem permanente formação, entendida como re-significação identitária dos professores. Esperamos consolidar novos saberes sobre os processos identitários e de construção de saberes por professores em suas práticas. E nesse sentido, colaborar para as decisões de formação de professores e a valorização da docência enquanto mediação para a superação do fracasso escolar.

No artigo APORTES PARA A INCLUSÃO À DOCÊNCIA NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO INICIAL, os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro e Paulo Rennes Marçal Ribeiro buscam apresenta como principal indicativo a necessidade de reformulação dos cursos de licenciatura, recomendando um modelo de inclusão orgânica que propicie ao futuro professor, através de intervenções práticas organizadas, um preparo consistente para o ingresso na profissão. No artigo PROFESSORES DE CIÊNCIAS EM FORMAÇÃO INICIAL: MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL, os autores Renata Harumi Muniz dos Santos, María Elena Infante-Malachias buscam estudar o que alunos que desejam se tornar professores pensam a respeito da carreira e investigar os motivos que os levaram a escolher a profissão. No artigo PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM INÍCIO DE CARREIRA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO os autores Daniela dos SANTOS, Taynara Franco de CARVALHO, Samuel de SOUZA NETO buscam identificar o que vem sendo pesquisado acerca do professor em início de carreira, em específico no campo da Educação Física. No artigo PROFESSORES DE QUÍMICA E SITUAÇÕES DA SOCIEDADE ATUAL: VALORIZAÇÃO PESSOAL E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO os autores Lara Vieira Leite, Naãma Cristina Negri Vaciloto, Fabio Luiz de Souza, Luciane Hiromi Akahoshi, Maria Eunice Ribeiro Marcondes buscam identificar o quanto situações como essas citadas são levadas em consideração pelos professores na sua vida pessoal, o quanto são consideradas pertinentes ao ensino e se estão sendo abordadas nos Cadernos de Química do Estado de São Paulo. No artigo PROGRAMA NÚCLEO DE ENSINO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA INCLUSIVA E ASPECTOS MOTIVACIONAIS NA DOCENCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCOLAR, os autores RUBENS VENDITTI JUNIOR, MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR, LETÍCIA DO CARMO CASAGRANDE MORANDIM, DÉBORA GAMBARY FREIRE BATAGINI, RODOLFO LEMES DE MORAES, MÁRCIO PEREIRA DA SILVA buscam descrever os autores buscam as experiências com professores de Educação Física (EF) em perspectiva inclusiva, destacando aspectos motivacionais na docência e a autoeficácia No artigo PROJETO ENERGIA: FONTES, PRODUÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA ECONOMIA, os autores José Daniel Soler Garves Laís de Souza Teixeira, Ana Leticia Antonio Vital, Aparecida Brunetti Arante de Souza, Beatriz Nunes Herreira, Gabriela Lozano Olivério, Vinícius Santos dos Reis, Ângela Coletto Morales Escolano buscam Identificar possíveis maneiras de se resolver problemas ambientais sem comprometer o futuro tecnológico, é a principal meta dos próximos anos. No artigo PROPOSTA DE ATIVIDADE MULTIDISCIPLINAR ENTRE AS DISCIPLINAS DE BIOLOGIA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO, os autores Camila Lehnhardt Pires Cunha Antônio Carlos Duarte Camacho, buscam relatar a experiência docente em aulas pratico-teóricas, utilizando uma abordagem mais ampla e contextualizada do conhecimento, em especial das disciplinas de Biologia, Química e Ciências, pode ser considerada como uma boa opção de trabalho para o docente. No artigo REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA: REAÇÕES, INTERESSES E EXPECTATIVAS DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II, as autoras Adriana Patrício Delgado, Elisabeth Márcia Ribeiro Machado da Silva, Eliana Sala, buscam analisar analisa a experiência de cinco encontros de formação continuada (no período de 2012 a 2015), estruturados em oficinas pedagógicas temáticas, direcionadas a professores do Ensino Fundamental I e II. No artigo REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES as autoras buscam relatar sobre as reflexões e mudanças vivenciadas na prática pedagógica por discentes de um curso de mestrado stricto sensu do oeste paulista. No artigo RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, as autoras Ana Lúcia Penteado Urban, Bruna Rafaela de Batista, Luci Pastor Manzoli buscam descrever as principais contribuições resultantes da formação inicial de duas egressas do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. No artigo SABERES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA INGRESSANTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ATIBAIA-SP, a autora Silvana Saraid da Silva busca apresentar um relato de experiência sobre os saberes do professor na sua primeira experiência como docente no ensino fundamental. No artigo SABERES DOCENTES: UMA REVISÃO NECESSÁRIA NOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, o autor Elize Keller-Franco busca analisar em que medida a inovação tem respondido às propostas de atualização dos saberes na formação inicial de professores. Os dados foram obtidos por meio da análise de documentos. Os resultados indicam a abordagem integradora do conhecimento. No artigo SUPORTE NA TEORIA DE PIAGET PARA O

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE, os autores Vânia Galindo Massabni, Vinicius Nicoletti, Luca Pinto Marson buscam dimensionar o papel da teoria de Piaget na reflexão sobre situações pedagógicas vividas em sala de aula durante aulas de licenciandos em Ciências no ensino básico. No artigo TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE JOGOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA, os autores Jean Carlos Lemes, Iávia Sueli Fabiani Marcatto buscam apresentar um mapeamento das Comunicações Científicas, nos anais do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), no período de 2001 a 2016. No artigo TRABALHO COLABORATIVO COMO CONDIÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, as autoras Patrícia Cristina Albiéri de Almeida e Gisela Lobo Baptista Pereira Tartuce busca analisar a articulação entre avaliação institucional (AVI) e projeto político-pedagógico (PPP), a partir de projeto realizado em um município brasileiro, onde uma amostra de escolas desenvolveu um processo de avaliação institucional com vistas a reelaborar seu PPP. No artigo UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS CURRICULARES DIFERENCIADAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO, os autores Adriana Patrício Delgado, Mariangelica Arone busca apresentar relatos de experiência de estudantes do segundo semestre do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada localizada no município de São Paulo. No artigo TITLE: UNIVERSITY SOCIAL RESPONSIBILITY: A MODEL FOR THE METROPOLITAN UNIVERSITY OF ECUADOR (UMET), Author (s): Eng. Narda Gisela Navarros Mena. Msc. At present, the praxis of the University Social Responsibility (USR) has gained a great international boom. In the university environment, it is important to understand the impact of universities on society in general. Not only as an extension of the results of those sectors with greater needs, but as generators of impacts on society and the environment. No artigo USO DA TRI PARA ANÁLISE DE UM SIMULADO, os autores Alan Kardec Messias da SILVA, Aceldo de Jesus BRITO, Luciana Bertholdi MACHADO busca analisar de um Simulado da Prova Brasil aplicado nas turmas de 5º ano como uma das ações do projeto Observatório da Educação com Iniciação à Ciência (OBEDUC), vinculado ao Campus da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), localizado em Barra do Bugres – MT. No artigo USO DAS GEOTECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS AUXILIARES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES, os autores Hélio Ricardo SILVA, Paula Beatriz Pereira de OLIVEIRA, João Henrique Pinheiro DIAS Maria Ângela de Moraes CORDEIRO, Lucas Alves de ALMEIDA, Adauto Ferreira SIQUEIRA, Diogo Tiago da SILVA, buscam transmitir conceitos de sustentabilidade aos professores e alunos do Curso Técnico em Meio Ambiente da Escola Técnica Estadual de Ilha Solteira (ETEC) do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS). No artigo UTILIZAÇÃO DA REALIDADE AUMENTADA E DA REALIDADE VIRTUAL NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA MAKER, Cláudia Coelho HARDAGH, Ana Maria dos Santos RODRIGUES buscam apresentar a pesquisa realizada para desenvolver propostas metodológicas para a utilização da Realidade

Aumentada (RA) e Realidade Virtual (RV), a partir do projeto de extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) no curso de Pedagogia com escolas públicas de São Paulo para formação de professores. No artigo VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA INICIANTE: REPERCUSSÕES NA IDENTIDADE E NA PROFISSÃO DOCENTE, os autores Letícia Mendonça Lopes Ribeiro, Aline Cristina Miranda, Stela Maria Fernandes Marques buscam apresentar algumas experiências, essencialmente, marcantes no princípio da carreira docente de uma professora da Educação Básica Pública, considerando suas descobertas, inseguranças e conquistas consolidadas. No artigo A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR PARA A EDUCAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, os autores Camila Rennhard Bandeira de Mello e Rinaldo Molina buscaram realizar uma revisão bibliográfica a fim de mapear experiências sobre a formação e preparação de professores do ensino superior para o atendimento educacional de alunos com deficiência. No artigo A PROPOSTA DA NOVA BASE NACIONAL COMUM E A AVALIAÇÃO DE SISTEMA: CAMINHANDO NA CONTRAMÃO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM? os autores Claudia Pereira de Pádua Sabia e Uillians Eduardo dos Santos buscam identificar as discussões em torno da elaboração da BNCC e sua relação com a avaliação de sistema, refletindo sobre as possíveis consequências para a avaliação da aprendizagem. No artigo “AINDA NÃO DESCOBRI, MAIS AINDA VOU DESCOBRIR...”: OS IMPASSES ESCOLARES COMO SINTOMA NA ESCOLA os autores Silvia de Carvalho Machione Trindade, Filomena Elaine Paiva Assolini buscam refletir, a partir de um relato de experiência, a respeito do impacto do sujeito do inconsciente nas dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, as quais são tomadas aqui como sintomas do sujeito que se manifestam na escola. No artigo AÇÕES DE EXTENSÃO E PESQUISA UNIVERSITÁRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INICIANTE: PROGRAMA DE APOIO AOS PROFESSORES INICIANTE DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE POÇOS DE CALDAS /MG (PAPIN)*, os autores Ana Maria Brochado de Mendonça Chaves e Carla Fernanda Figueiredo Felix buscaram apresentar o “Programa de Apoio aos Professores Iniciantes da Rede Municipal de Ensino de Poços de Caldas/MG (PAPIN)”, oferecido a professores iniciantes do ensino fundamental da rede pública de ensino nos âmbitos municipal e estadual, e alunos do Curso de Pedagogia da UEMG, que compartilham saberes profissionais docentes. No artigo AMIZADE E ÉTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, os autores Alonso Bezerra de Carvalho e Fabiola Colombani buscam apresentar algumas ideias e reflexões sobre a importância da amizade e da ética na formação dos professores. De caráter teórico, as reflexões aqui delineadas são resultados de uma revisão bibliográfica, sobretudo no campo da filosofia da educação. No artigo FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA DAS CRIANÇAS PEQUENAS: relatos da equipe gestora e docente de uma escola do interior do Estado do Maranhão, os artigos Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira, Tyciana Vasconcelos

Batalha, Waléria Lindoso Dantas Assis, buscam investigar as contribuições da formação continuada ofertada aos professores da Educação Infantil pela SEMED de São Mateus do Maranhão-MA para subsidiar o trabalho com a linguagem escrita na pré-escola. No artigo DESAFIOS ATUAIS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: DEMANDAS E IMPLICAÇÕES, os autores Jacqueline Lidiane de Souza Prais, Juliana Irani Villanueva dos Reis, Suzi Lane Amadeu Gussi, Sandra Aparecida Machado Furihata buscam apresentar uma discussão sobre a formação necessária e adequada para atuar no contexto atual da Educação. No artigo PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DO 3º ANO MÉDIO DO EREM BELO JARDIM – PE: UMA INVESTIGAÇÃO DAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR E AS POSSÍVEIS CAUSAS DO DESINTERESSE EM OPTAR POR CURSOS DE LICENCIATURA, os autores Ingrid da Mota Araújo Lima; Nubênia de Lima Tresena, Xênia da Mota Araújo Lima apresentam uma pesquisa tem como objetivo compreender a percepção dos alunos no que se refere as suas expectativas em relação ao ensino superior, bem como as causas do desinteresse de alunos do 3º ano do ensino médio do EREM de Belo Jardim – PE em optar por cursos de licenciatura.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
APORTES PARA A INCLUSÃO À DOCÊNCIA NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO INICIAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7291930051	
CAPÍTULO 2	9
PROFESSORES DE CIÊNCIAS EM FORMAÇÃO INICIAL: MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL	
Renata Harumi Muniz dos Santos María Elena Infante Malachias	
DOI 10.22533/at.ed.7291930052	
CAPÍTULO 3	17
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM INÍCIO DE CARREIRA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	
Daniela dos Santos Taynara Franco de Carvalho Samuel de Souza Neto	
DOI 10.22533/at.ed.7291930053	
CAPÍTULO 4	26
PROFESSORES DE QUÍMICA E SITUAÇÕES DA SOCIEDADE ATUAL: VALORIZAÇÃO PESSOAL E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO	
Lara Vieira Leite Naãma Cristina Negri Vaciloto Fabio Luiz de Souza Luciane Hiromi Akahoshi Maria Eunice Ribeiro Marcondes	
DOI 10.22533/at.ed.7291930054	
CAPÍTULO 5	42
PROGRAMA NÚCLEO DE ENSINO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA INCLUSIVA E ASPECTOS MOTIVACIONAIS NA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Rubens Venditti Junior Milton Vieira Do Prado Junior Letícia do Carmo Casagrande Morandim Débora Gambary Freire Batagini Rodolfo Lemes De Moraes Márcio Pereira Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7291930055	
CAPÍTULO 6	57
PROJETO ENERGIA: FONTES, PRODUÇÃO E A IMPORTÂNCIA DE SUA ECONOMIA	
José Daniel Soler Garves Laís de Souza Teixeira Ana Letícia Antonio Vital Aparecida Brunetti Arante de Souza	

Beatriz Nunes Herreira
Gabriela Lozano Olivério
Vinícius Santos dos Reis
Ângela Coletto Morales Escolano

DOI 10.22533/at.ed.7291930056

CAPÍTULO 7 68

PROPOSTA DE ATIVIDADE MULTIDISCIPLINAR ENTRE AS DISCIPLINAS DE BIOLOGIA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO

Camila Lehnhardt Pires Cunha
Antônio Carlos Duarte Camacho

DOI 10.22533/at.ed.7291930057

CAPÍTULO 8 78

REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA: REAÇÕES, INTERESSES E EXPECTATIVAS DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II

Adriana Patrício Delgado
Elisabeth Márcia Ribeiro Machado da Silva
Eliana Sala

DOI 10.22533/at.ed.7291930058

CAPÍTULO 9 90

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Jeong Cir Deborah Zaduski
Verônica Nogueira Vanni
Natalie Perez Mendes
Carmen Lúcia Dias

DOI 10.22533/at.ed.7291930059

CAPÍTULO 10 98

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Ana Lídia Penteado Urban
Bruna Rafaela de Batista
Luci Pastor Manzoli

DOI 10.22533/at.ed.72919300510

CAPÍTULO 11 106

SABERES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PROFESSORA INGRESSANTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ATIBAIA-SP

Silvana Saraid da Silva

DOI 10.22533/at.ed.72919300511

CAPÍTULO 12 112

SABERES DOCENTES: UMA REVISÃO NECESSÁRIA NOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Elize Keller-Franco

DOI 10.22533/at.ed.72919300512

CAPÍTULO 13	124
SUORTE NA TEORIA DE PIAGET PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE	
Vânia Galindo Massabni Vinicius Nicoletti Luca Pinto Marson	
DOI 10.22533/at.ed.72919300513	
CAPÍTULO 14	136
TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE JOGOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA	
Jean Carlos Lemes Flávia Sueli Fabiani Marcatto	
DOI 10.22533/at.ed.72919300514	
CAPÍTULO 15	152
TRABALHO COLABORATIVO COMO CONDIÇÃO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	
Patrícia Cristina Albiéri de Almeida Gisela Lobo Baptista Pereira Tartuce	
DOI 10.22533/at.ed.72919300515	
CAPÍTULO 16	164
UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS CURRICULARES DIFERENCIADAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO	
Adriana Patrício Delgado Mariangelica Arone	
DOI 10.22533/at.ed.72919300516	
CAPÍTULO 17	177
UNIVERSITY SOCIAL RESPONSIBILITY: A MODEL FOR THE METROPOLITAN UNIVERSITY OF ECUADOR (UMET)	
Narda Gisela Navarros Mena	
DOI 10.22533/at.ed.72919300517	
CAPÍTULO 18	186
USO DA TRI PARA ANÁLISE DE UM SIMULADO	
Alan Kardec Messias da Silva Acelmo de Jesus Brito Luciana Bertholdi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.72919300518	
CAPÍTULO 19	199
USO DAS GEOTECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS AUXILIARES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Hélio Ricardo Silva Paula Beatriz Pereira de Oliveira João Henrique Pinheiro Dias Maria Ângela de Moraes Cordeiro Lucas Alves de Almeida	

Adauto Ferreira Siqueira

Diogo Tiago da Silva

DOI 10.22533/at.ed.72919300519

CAPÍTULO 20 210

UTILIZAÇÃO DA REALIDADE AUMENTADA E DA REALIDADE VIRTUAL NA
PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA MAKER

Cláudia Coelho Hardagh

Ana Maria dos Santos Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.72919300520

CAPÍTULO 21 225

VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA INICIANTE: REPERCUSSÕES NA IDENTIDADE
E NA PROFISSÃO DOCENTE

Letícia Mendonça Lopes Ribeiro

Aline Cristina Miranda

Stela Maria Fernandes Marques

DOI 10.22533/at.ed.72919300521

CAPÍTULO 22 242

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR PARA A EDUCAÇÃO
DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Camila Rennhard Bandeira de Mello

Rinaldo Molina

DOI 10.22533/at.ed.72919300522

CAPÍTULO 23 255

A PROPOSTA DA NOVA BASE NACIONAL COMUM E A AVALIAÇÃO DE SISTEMA:
CAMINHANDO NA CONTRAMÃO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM?

Claudia Pereira de Pádua Sabia

Uillians Eduardo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.72919300523

CAPÍTULO 24 266

“AINDA NÃO DESCOBRI, MAIS AINDA VOU DESCOBRIR...”: OS IMPASSES
ESCOLARES COMO SINTOMA NA ESCOLA

Silvia de Carvalho Machione Trindade

Filomena Elaine Paiva Assolini

DOI 10.22533/at.ed.72919300524

CAPÍTULO 25 278

AÇÕES DE EXTENSÃO E PESQUISA UNIVERSITÁRIAS NA FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES INICIANTE: PROGRAMA DE APOIO AOS
PROFESSORES INICIANTE DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE POÇOS DE
CALDAS /MG (PAPIN)*

Ana Maria Brochado de Mendonça Chaves

Carla Fernanda Figueiredo Felix

DOI 10.22533/at.ed.72919300525

CAPÍTULO 26	289
AMIZADE E ÉTICA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Alonso Bezerra de Carvalho	
Fabiola Colombani	
DOI 10.22533/at.ed.72919300526	
CAPÍTULO 27	301
FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA DAS CRIANÇAS PEQUENAS: RELATOS DA EQUIPE GESTORA E DOCENTE DE UMA ESCOLA DO INTERIOR DO ESTADO DO MARANHÃO	
Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira	
Tyciana Vasconcelos Batalha	
Waléria Lindoso Dantas Assis	
DOI 10.22533/at.ed.72919300527	
CAPÍTULO 28	311
DESAFIOS ATUAIS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: DEMANDAS E IMPLICAÇÕES	
Jacqueline Lidiane de Souza Prais	
Juliana Irani Villanueva dos Reis	
Suzi Lane Amadeu Gussi	
Sandra Aparecida Machado Furihata	
DOI 10.22533/at.ed.72919300528	
CAPÍTULO 29	323
PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DO 3º ANO MÉDIO DO EREM BELO JARDIM – PE: UMA INVESTIGAÇÃO DAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR E AS POSSÍVEIS CAUSAS DO DESINTERESSE EM OPTAR POR CURSOS DE LICENCIATURA	
Ingrid da Mota Araújo Lima	
Nubênia de Lima Tresena	
Xênia da Mota Araújo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.72919300529	
SOBRE A ORGANIZADORA	335

“AINDA NÃO DESCOBRI, MAIS AINDA VOU DESCOBRIR...”: OS IMPASSES ESCOLARES COMO SINTOMA NA ESCOLA

Silvia de Carvalho Machione Trindade

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto – USP
Ribeirão Preto – São Paulo

Filomena Elaine Paiva Assolini

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto – USP
Ribeirão Preto – São Paulo

RESUMO: No presente trabalho o objetivo foi refletir, a partir de um relato de experiência, a respeito do impacto do sujeito do inconsciente nas dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, as quais são tomadas aqui como sintomas do sujeito que se manifestam na escola. Além disso, buscamos trazer nossas articulações iniciais entre a proposta de alfabetizar letrando e o sujeito do inconsciente. Este trabalho insere-se no campo de estudos da Psicanálise, Educação e Teoria Sócio-Histórica do Letramento.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização; letramento; inconsciente.

ABSTRACT: In the present work the objective was to reflect, from an experience report, on the impact of the subject of the unconscious on the difficulties of learning to read and write, which are taken here as symptoms of the subject that manifest in the school. In addition, we seek

to bring our initial articulations between the proposal of literate literacy and the subject of the unconscious. This work is part of the field of studies of Psychoanalysis, Education and Socio-Historical Theory of Literature.

KEYWORDS: literacy; literacy; unconscious.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um relato de experiência que busca compreender qual a relação entre o não aprendido da leitura e da escrita de crianças e adolescentes que estão no ensino regular com o sujeito na perspectiva psicanalítica, ou seja, com o sujeito do inconsciente. Com isso, nossas observações fundamentam-se a partir do campo de estudos da Psicanálise, Educação, Teoria Sócio-Histórica do Letramento e alguns fios da Análise de Discurso de matriz francesa.

Partimos do pressuposto de que, em alguns casos, as dificuldades de leitura e escrita, não superadas nos contextos escolares, esbarram em limites impostos pela singularidade do sujeito, uma vez que pode haver uma lógica inconsciente de conveniência no ato de aprender, ou de não aprender, algo que se coloca a serviço de evitar algum desprazer, sofrimento ou conflito que se relaciona a outra

cena, isto é, com a Cena Primária, em que o sujeito ao deparar-se com a castração posiciona-se em face a ela. Em outras palavras, o não aprender pode ser lido como sintoma, no sentido psicanalítico, considerado como manifestação do inconsciente que traz, em si, um conflito recalcado, apresentando-se no contexto escolar.

Traremos observações de campo realizadas em uma Organização Não Governamental (ONG) no interior do estado de São Paulo, no âmbito do projeto Alfabetizando com Histórias, do qual uma das pesquisadoras faz parte. O projeto recebe 17 crianças e adolescentes, no contraturno escolar, com idade a partir de nove anos. Esses alunos enfrentam problemas, no ensino regular, com a leitura e/ou a escrita, aspectos que serão descritos com mais detalhes mais adiante. Na experiência aqui trazida, buscaremos trazer nossas articulações iniciais entre o sujeito e o letramento.

Para pensar este trabalho, iniciaremos uma discussão a respeito da alfabetização e letramento. Em seguida, apresentaremos o conceito psicanalítico de sujeito do inconsciente, com o qual trabalhamos, para depois apresentar o relato propriamente dito.

2 | A ALFABETIZAÇÃO COMO SINTOMA: ENCONTROS ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

2.1 Problemas na alfabetização: uma aposta no letramento

Sabemos que, há décadas, a questão da alfabetização é colocada de diferentes formas e como um desafio para a educação brasileira.

Por diferentes motivos, alguns alunos brasileiros, especialmente os de classes sociais mais baixas, continuam enfrentando dificuldades no aprendizado da escrita e da leitura. A pesquisadora Cordié (1996) considera que a ampliação do acesso à escola produz o fenômeno do fracasso escolar, pois a escola depara-se com um alunado que não fazia parte de sua história, que não “se encaixa” em seu formato, trazendo novos desafios para a escola.

Verifica-se que, mesmo com avanços nos direitos de acesso à educação, garantidos na Constituição Federal de 1988, nos artigos 205 e 206, o problema da não alfabetização de alunos é recorrente, na atualidade.

Segundo dados disponíveis no portal do Ministério da Educação (MEC), em pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2016, por meio da Avaliação Nacional de Alfabetização, constatou-se que 54,73% dos estudantes acima dos oito anos, faixa etária de 90% dos avaliados, permanecem em níveis insuficientes de leitura, enquanto 33,95%, em níveis insuficientes de escrita.

Para pensar o processo de alfabetização, trazemos as contribuições de Tfouni (1995), advindas da Teoria Sócio-Histórica do Letramento. É importante destacar que

a teoria postulada por Tfouni (1995, 2001) está fundamentada na Análise de Discurso de matriz francesa e nas contribuições da Psicanálise freudo-lacanianiana.

A pesquisadora diferencia alfabetização de letramento e não os trata como sinônimos. O letramento é um processo mais amplo que a alfabetização, que se insere em um *continuum*, de onde se pode dizer que existem graus ou níveis de alfabetização e graus ou níveis de letramento. A alfabetização é um dos aspectos do letramento e, geralmente, ocorre no espaço escolar formal, regular ou, também, em espaços não escolares.

De acordo com essa perspectiva, entende-se que o sujeito não é iletrado, embora possa ser não alfabetizado. Podemos dizer que todos possuem conhecimentos sobre a escrita, uma vez que vivemos em uma sociedade letrada, cujo uso (da escrita) é amplo. O letramento atua indiretamente, influenciando inclusive os que não conhecem nem dominam o código escrito, como é o caso dos sujeitos não alfabetizados. Sujeitos ágrafos ou iletrados seriam somente aqueles pertencentes a uma sociedade que não possui nem vivencia, mesmo que indiretamente, um sistema de escrita.

Cumpramos ressaltar que os conhecimentos variam, posto que a sociedade contemporânea, capitalista e globalizada é desigual e eles, os conhecimentos, não são distribuídos nem compartilhados equanimemente, por isso, a pertinência da contribuição de Tfouni (1995) a respeito dos graus ou níveis de alfabetização e de letramento.

Temos defendido que a educação escolar deve propiciar aos seus alunos alfabetização e letramento. Assim, contrapomo-nos àqueles entendimentos segundo os quais bastaria ao sujeito ser letrado, ou tão somente conhecer e alcançar o nível alfabético de escrita. A nosso ver, a sociedade contemporânea exige que o indivíduo saiba ler e escrever proficientemente e alcance elevados níveis de letramento, a fim de que possa compreender o funcionamento ideológico da linguagem, a não transparência e neutralidade da palavra, a multiplicidade de sentidos e, ainda, colocar-se como autor de seu próprio dizer, um dos aspectos a serem observados, quando no exame do letramento com um processo sócio-histórico. Nessa linha de pensamento, destacamos que

[...] o sujeito letrado e alfabetizado é, de fato, mais poderoso que o sujeito letrado não alfabetizado. A inserção em uma sociedade letrada não garante formas iguais de participação. O acesso ao conhecimento também não está livremente à disposição de todos. Assim, o domínio de um script e das práticas discursivas determinadas pelo discurso da escrita garantem uma participação mais efetiva nas práticas sociais, além de darem aquela ilusão necessária, mesmo sendo ilusão, de que fazemos “um” com o que pensamos e com o que escrevemos (TFOUNI, 1995, p. 98).

Entendemos que a proposta de alfabetizar letrando, formulada por Tfouni (1995) e aprimorada por seus seguidores, pode nos oferecer subsídios para um trabalho pedagógico com a alfabetização na sala de aula, uma vez que, de acordo com essa

proposta, as práticas sociais letradas são valorizadas e trabalhadas a partir dos saberes escolares e não escolares dos estudantes sobre a escrita, de seu nível de letramento e subjetividade. Assim, a escrita e a historicização do próprio nome e de familiares, a produção de bilhetes, cartas, a elaboração de discursos narrativos, orais e escritos, nos quais o sujeito pode falar de si, expressando sua subjetividade, a construção de argumentos e contra-argumentos, no âmbito do discurso polêmico, as produções linguísticas orais e escritas nas quais a polissemia se faz presente, o contar e o escutar histórias, a reescrita de textos de diferentes gêneros discursivos são alguns exemplos que podem ilustrar os conteúdos pertinentes à proposta de alfabetizar letrando.

É preciso ressaltar, nesse contexto, que a alfabetização não é concebida como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diversas ou como um modelo linear e “positivo” de desenvolvimento, segundo os quais o estudante aprenderia a usar e decodificar símbolos gráficos que representam os sons da fala, saindo de um ponto e chegando a outro.

Na perspectiva discursiva, a escrita é destacada como uma relação do sujeito com a história e, por sua vez, com o simbólico, segundo Orlandi (2002). Para a pesquisadora, a escrita não pode ser separada nem da história nem do sujeito, uma vez que nela se materializam os fios da história e suas redes de sentido, essenciais para os modos de subjetivação. Tensos e contraditórios, esses modos (de subjetivação) são atravessados pela alteridade.

Ainda é possível pensarmos nos efeitos de elaboração de aspectos subjetivos de tal proposta de alfabetização. De acordo com Corso e Corso (2011), a ficção contida nas histórias não é apenas uma forma de diversão, ela serve também como veículo por meio do qual se estabelece um cânone imaginário, utilizado para elaborar algum aspecto da subjetividade ou realidade social. Para os autores, com quem concordamos, as crianças usam as histórias como sistemas para organizar sua vida e seus impasses.

O professor, via de regra, não tem acesso aos impasses subjetivos de seus alunos, por mais que esses impactem o seu trabalho. No entanto, apostar no letramento traz ao professor a possibilidade de tocá-los a partir de narrativas de ficção e, por consequência, alcançar alguns efeitos de elaboração de conteúdos angustiantes, além de apresentar novos modelos de identificações.

A seguir, apresentaremos a noção de sujeito do inconsciente que nos possibilita entender teoricamente a pertinência de alfabetizar letrando.

2.2 O sujeito do inconsciente: uma perspectiva de trabalho

Em seus estudos e pesquisas, o médico neurologista Sigmund Freud, partindo da escuta de pacientes histéricas, em meados de 1893, inaugurou o campo de investigação que foi por ele nomeado Psicanálise. A novidade desse campo foi a descoberta do inconsciente, que foi teorizado como um conceito, um sistema psíquico autônomo e regido por leis próprias, que se manifesta e tem efeitos na vida das pessoas. Até

então, o inconsciente era entendido apenas como algo não consciente.

Assim, a Psicanálise promove uma nova forma de escutar o sujeito, uma vez que não é tomado como consciência de si, como autônomo – como nas Ciências da Educação, por exemplo –, mas como sujeito submetido ao seu inconsciente, por isso formalizado pelo psicanalista Jacques Lacan (1964) como sujeito do inconsciente.

O sujeito do inconsciente se constitui a partir da inserção do ser humano no simbólico, na linguagem. O mundo simbólico é exclusivo aos seres humanos, o único ser falante, mas que nasce apenas com a condição de tornar-se falante.

Essa operação simples de entrada na linguagem, com a qual estamos tão habituados, funda o sujeito do inconsciente que é um sujeito dividido. Isso acontece desde o nascimento do bebê, em que seu grito indiferenciado é traduzido em significantes pelos adultos – essa prática recorrente permitirá que a criança se torne falante. Ao mesmo tempo em que o Eu se constitui, funda-se o sujeito do inconsciente que, pela operação do recalque, divide o sujeito, separando o Eu de seu inconsciente (KUPFER, 2010).

É preciso destacar que essa operação produzirá, ainda, um resto impossível de ser simbolizado, o que é conhecido em Psicanálise como castração. Vejam, os cuidadores de uma criança nunca poderão interpretar precisamente tudo que ela sente, ou mesmo tudo aquilo que ele próprio, adulto, sente. As palavras não dizem tudo. Em face da castração, isto é, aquilo que não se traduz, é preciso que o sujeito tome uma posição, a partir da maneira como interpreta esse limite do registro simbólico descoberto em sua relação com o outro. Isso lhe dará uma forma de relacionar-se com o outro.

Assim, o sujeito com o qual trabalhamos é o sujeito do inconsciente, ao qual o Eu está sujeitado. Ele não tem consistência, não tem a ver com o ser, “é que ele não é ser nem não ser, mas é algo de não-realizado” (LACAN, 1963-64 [2008], p. 37). Em outras palavras, o inconsciente traz algo do desejo do sujeito que o ‘eu’ desconhece. Esse resto intraduzível permanece aberto, tornando o sujeito um sujeito (do inconsciente) desejanter. Com isso, apontamos que o Eu, embora desconheça seu inconsciente, é atingido por seus efeitos.

Sendo o sujeito do inconsciente sem consistência, como o apreendemos? Ele emerge na estrutura da linguagem: aparece na cadeia discursiva em fenômenos, como atos falhos, chistes, sonhos, esquecimentos e também nos sintomas. Todos esses fenômenos acontecem à revelia do Eu e marcam algo da posição do sujeito diante da castração. Não podemos controlar nossos sonhos, ou nossos esquecimentos, por exemplo. Deles só resta, num segundo momento, uma história para contar e alguns questionamentos para fazer, mas nunca o controle deles. Dessa forma, não é possível investigar o inconsciente como objeto de realidade, mas sim seus efeitos que são manifestações objetivas (NOGUEIRA, 2004).

Temos, então, indícios de uma determinação inconsciente, que Freud apresenta em sua famosa frase “o eu não é mais senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917

[1996], p. 178), trazendo a descoberta do inconsciente como mais uma ferida narcísica para a humanidade, além das trazidas pelas descobertas de Copérnico e Darwin.

A partir dessas considerações, nos colocamos a pensar o não aprendido a partir da lógica do inconsciente, tendo em vista que o não aprender pode representar conflitos inconscientes os quais o Eu não pode acessar.

Angelucci *et al.* (2004) apontam que, em pesquisas, foi revelado que os problemas de aprendizagem têm sido explicados como sendo de ordem psíquica (ansiedade, agressividade, dificuldade de atenção), técnica (métodos pedagógicos inadequados), institucional (a escola como reprodutora da estrutura social) ou política (a escola como reprodutora da desigualdade social).

Esses entendimentos trazem uma tendência de polarizar essa questão entre vilões e vítimas. Tais indicadores de causalidade dos problemas de aprendizagem revelam fragilidades, porém buscaremos aqui ampliar essa discussão, trazendo em pauta a noção de sujeito apresentada.

Interessa-nos pensar o não aprendido como um sintoma que se manifestou na escola, uma vez que o sintoma também é uma manifestação do inconsciente que traz em si um conflito recalcado. O sujeito fabrica seu sintoma como maneira de dar vazão à palavra recalcada, ou seja, ele tem uma função e por isso é sustentado pelo sujeito.

Freud (1917 [1996]) define o sintoma como atos inúteis ou prejudiciais à vida da pessoa – que comportam uma ambivalência e causam sofrimento, ou desprazer –, sendo originado do conflito que propicia gasto de energia mental e que as pessoas ditas normais estão sujeitas a tais conflitos. Ele coloca que o sintoma contém um desejo que conflita com a realidade. Afirma:

Já sabemos que os sintomas neuróticos são resultados de um conflito, e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido. As duas forças que entraram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado. É por essa razão, também, que o sintoma é tão resistente: é formado por ambas as partes em luta (FREUD, 1917 [1996], p. 361).

Para Rosa e Domingues (2010), a partir dessa leitura do sintoma, Freud demonstra que essa é uma mensagem da conflitiva pessoal, familiar e sociopolítico-libidinal, retirando, assim, o caráter de doença desse tipo de manifestação sintomática, o que mostra que não há apenas um organismo doente, mas uma das modalidades de expressão do sofrimento na relação com o outro.

Segundo Corso e Corso (2011), Freud descobriu que, por trás de cada sintoma de que seus pacientes neuróticos se queixavam, “havia uma história para contar”, ou seja, há um enredo discursivo com fragmentos recalcados. Os autores seguem dizendo sobre o trabalho de Freud:

Além disso, a trama que surgia a partir do sofrimento de seus pacientes era em parte construída de fatos reais, mas acrescida de outros imaginários que eram igualmente decisivos. O discurso possível a respeito do que somos e do que nos

Se o não aprendido pode estar enodado numa trama particular do sujeito, que comporta ambiguidades e traz em si uma lógica para se sustentar, como podemos enfrentá-la no contexto educativo, considerando a referida noção de sujeito do inconsciente? Na seção seguinte pretendemos pensar sobre isso a partir dos elementos oferecidos pela Psicanálise.

2.3 “Ainda não descobri, mas ainda vou descobrir...”

A partir de nosso objetivo de investigar a não aprendizagem como sintoma, que é uma das formas de manifestação do inconsciente, adotamos, como metodologia de análise da experiência relatada, a teoria psicanalítica e alguns fios da Análise Discursiva pecheuxtiana (AD). As duas ciências se inscrevem no paradigma indiciário (GINZBURG, 1990), o que imprime um deslocamento quanto ao tratamento e análise de dados, posto que possibilitam o resgate do sujeito em suas particularidades.

Rosa (2004) entende que a escuta psicanalítica é possível também em outros contextos que não a clínica, pois “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (ROSA, 2004, s/p). Assim, na Psicanálise e também na AD as análises discursivas implicam a abordagem dos discursos a partir de sua enunciação.

Traremos agora análises feitas a partir da experiência de uma das pesquisadoras que atua como psicanalista no projeto Alfabetizando com Histórias, realizado pela ONG Serviço de Aprendizagem Rural ao Adolescente (Sara), com o apoio financeiro do Criança Esperança/Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

A ONG trabalha com a promoção social de adolescentes por meio da arte, da cultura e da educação para o trabalho. Dentro desse último seguimento de atuação, promove a inserção de adolescentes no mercado de trabalho. Foi iniciado em janeiro de 2018 um trabalho de alfabetização com crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos, que apresentam problemas na leitura e escrita, devido à limitação das chances de ingresso no mundo do trabalho, já que a nova ordem econômica exige dos trabalhadores níveis de competências cada vez mais altos, reduzindo significativamente os espaços de inserção para alunos com pendências na alfabetização.

O trabalho de alfabetização e letramento no Sara se dá com oficinas de música, teatro, artes visuais, leitura e escrita. Teve início com a proposta de duas turmas em contraturno escolar, com dez vagas cada. A equipe de educadores era composta de pedagoga, psicanalista, professora de música, professor de teatro e professor de artes visuais. Para criação dessa estrutura de trabalho partiu-se da premissa de que

o não aprendido pode simbolizar metaforicamente um conflito de outra ordem. Qual história está na trama desse sintoma?

Nas oficinas são trabalhadas, de diversas formas, histórias como *Chapeuzinho amarelo*, de Chico Buarque, *A árvore generosa*, *A parte que falta* e *Uma girafa e tanto*, de Shel Silverstein, a história de Anne Frank, Maria da Penha, entre outras.

Inicialmente, chamou-nos a atenção a origem dos encaminhamentos para o projeto, pois eles não vêm das escolas, mas dos órgãos vinculados à Secretaria de Assistência Social, como o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) e o Centro de Referência de Assistência Social (Cras). Ao todo foram matriculados 27 alunos, número superior à proposta inicial de vagas. Dessas matrículas tivemos os desfechos demonstrados na tabela abaixo.

	Quantidade de alunos de 9 a 13 anos	Quantidade de alunos de 14 a 18 anos
Alunos matriculados	17	10
Alunos desistentes antes do início das aulas	4	4
Alunos desistentes após o início das aulas	5	3
Alunos participantes	8	3

Esses dados nos indicam que, tratando-se de impasses na alfabetização, a intervenção até os 13 anos se mostra mais eficiente nesse projeto, uma vez que nessa faixa etária os alunos aderiram mais ao trabalho (48% dos alunos dessa faixa etária contra 30% dos alunos mais velhos). A entrada na adolescência parece trazer certa acomodação à situação que está às voltas de consolidar como um fracasso escolar, firmada pelos atuais recursos da tecnologia. Além disso, a adolescência é a fase em que ocorre a separação da autoridade dos pais e a busca por novas identificações, atraindo o interesse dos jovens para outros contextos, tema que merece um trabalho à parte.

Ainda dentro dos aspectos gerais, outro ponto que observamos é o elevado número de faltas dos alunos às aulas, mesmo com aulas com um formato de trabalho diferente do escolar, que é uma queixa constante dos alunos. Ao serem questionados, os pais apresentam justificativas frágeis como “não acordou”, “não quis ir”, ou mesmo não sabem das faltas dos filhos por estarem no trabalho. Entendemos que há uma desimplicação com o problema do não aprender, que não movimenta o interesse nem dos alunos nem dos pais, sendo esse o primeiro ponto a ser trabalhado. Os pais buscam a ONG e valorizam que seus filhos conquistem um trabalho, mas não identificam a importância da escola na conquista de um trabalho.

Outro ponto que verificamos foi que, apesar da utilização de diferentes metodologias pedagógicas, alguns alunos não conseguem aprender. Esbarram nas mesmas dificuldades – trocam letras, não conseguem ler ou escrever sílabas complexas. Nesses casos, a orientação pedagógica não possibilita que o aluno esclareça seu impasse. Imediatamente após as orientações o erro se repete. Esses

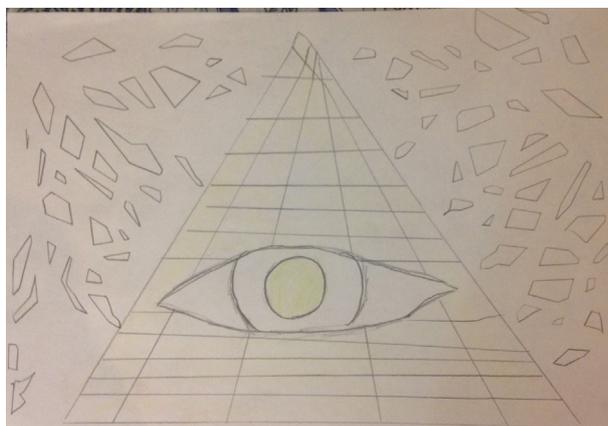
indícios nos levam a hipotetizar que, nesses casos, o não aprendido se dá como um sintoma, como uma manifestação inconsciente em que sua trama não permite o esclarecimento dos erros.

Observamos um aluno de nove anos, estudante do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública, que repetiu, por uma vez, o segundo ano. Ele era aluno da turma da tarde de um projeto que possui seis alunos com idades entre 9 e 14 anos. Foi encaminhado ao projeto pela psicóloga, por ter sérias dificuldades na leitura e escrita, principalmente nas sílabas complexas. Segundo a professora alfabetizadora, o menino encontrava-se na fase silábico-alfabética, ainda com dificuldades nas sílabas complexas.

O menino definiu sua leitura como “soletrada” e teve progressos com a participação no projeto, mas avançou muito lentamente, o que dificultou o acompanhamento das atividades no ritmo de uma sala regular de terceiro ano.

Em sala, o garoto mostrava-se muito agitado e com dificuldades de permanecer sem se movimentar na carteira, ou mesmo na aula de teatro. A mãe relatou que a agitação ocorria desde o nascimento.

Em uma das aulas em que a professora mostrava obras de Salvador Dalí, o menino inquieto disse que aquilo era bizarro e não fazia sentido. Foi pontuado a ele que aquelas obras podiam ter similaridade com os sonhos, que muitas vezes não nos parece ter sentido. Ele concordou, disse que sempre sonhava um sonho que não fazia sentido e era bizarro e acordava com muito medo. Ao final da aula fez o desenho abaixo, para retratar o que foi discutido.



Em função de sua fala espontânea na sala de aula, sobre o sonho que se repete – e levando em conta a relevância do sonho na investigação do inconsciente, por ser uma forma de manifestação desse –, numa entrevista com o garoto foi pedido a ele que falasse sobre seu sonho. É também no sonho que o sujeito do inconsciente se manifesta, mostrando-nos sua posição diante do mundo e sua relação com seu desejo. Nossa intenção, ao investigar o sonho, não era interpretar o sonho do menino, tal como pode ser feito em uma sessão de psicanálise, mas buscar elementos para pensar a relação entre o inconsciente e a dificuldade de aprendizagem. Ele trouxe o seguinte relato:

Um sonho bizarro, não faz sentido, nem lembro de tão bizarro que é... eu olho assim para lua, parece um olho [...], a lua parece um olho. Ele [o olho] te “telesporta”, te leva para outro mundo, mundo dos palhaços. Eu saio correndo. Ele sai correndo atrás de mim, eu corro, sem motivo, mais eu corro porque ele tá correndo atrás de mim, claro que eu vou correr, aí quando ele chega em mim, eu acordo. A mãe lá do meu amigo, ela diz se Deus manda um sonho, mais quer dizer um motivo, mas até hoje eu não entendi qual o motivo. Dá muito medo, eu ficava acordado em vez de dormir, ficar sonhando com aquilo, nem a pau, prefiro ficar acordado, de tanto medo. Agora eu já enfrento, é... tenho imaginação: aparece, desapareceu.

Já sobre a escola, o aluno disse que o mais difícil foi aprender a língua portuguesa, nas provas às vezes esquece e às vezes sente medo de errar. Acredita que se errar muito, repete. O pai disse que se repetir está “ferrado”.

Nessas narrativas verificamos que as situações que trazem medo ao garoto – o medo do palhaço no sonho e o medo de errar na escola – o deixam agitado. A agitação que aparece no sonho se reproduz na escola, local onde ele também está presente – o medo. É possível afirmar que há uma conexão metafórica entre as duas cenas, a do sonho e a escolar, que nos faz entender a agitação não como um transtorno de hiperatividade, mas como uma forma (prejudicial) de lidar com o medo: a agitação. Como um garoto tão agitado pode centrar-se em seu aprendizado?

Embora durante a aula o aluno não relate seu sonho, observamos que seu desenho se refere ao momento inicial do sonho. Isso nos mostra que a angústia do sonho está presente no momento da aula, mas, diferentemente, nessa atividade pôde ser expressa.

É possível identificar, no discurso do garoto, fragmentos da história da *Chapeuzinho amarelo*, quando diz que está enfrentando os medos usando a imaginação. Na história, a personagem faz desaparecer seus medos inventando outras coisas com eles. Há aí, como afirmam Corso e Corso (2011), uma tentativa de elaborar algo de sua subjetividade, a partir da identificação com a protagonista da história. Na ocasião em que a história foi trabalhada, ainda que não se soubesse sobre os medos do menino, ele se serviu da ficção.

Foi pontuado ao aluno que ele tem medo de duas coisas: do palhaço e de errar. Perguntamos-lhe o que fazia quando estava com medo. Disse-nos:

Eu tento fazer alguma coisa pra mim esquecer daquilo, tento lembrar, o que é que eu faço, meu Deus? Eu tenho que lembrar, a professora passou essa prova, eu não lembro. Ah, achei a solução! Ainda não descobri, mas ainda vou descobrir! Vou procurar pela internet, aí eu vou lá, quando ela passar a lição eu escrevo assim no braço e quando chegar na prova... eu não colar, eu não vou colar de ninguém, vou colar de mim mesmo.

Nesse trecho verificamos o conflito entre lembrar e esquecer daquilo que tem medo. Ele trava uma luta interna entre lembrar e esquecer. Para Freud (1917 [1996]), o sintoma é uma escrita que traz algo a ser lembrado e algo a ser esquecido. No entanto, podemos verificar a tentativa do menino em elaborar soluções para seus

problemas por meio da palavra, o que é uma saída diferente de agitar-se. Tal problema é, para ele, um enigma ao qual está buscando respostas, assim como para o motivo de seu sonho que se repete.

Para finalizar, é importante colocar que, à medida que foram propiciados espaços para o menino falar de suas histórias, sua agitação nas aulas diminuiu significativamente.

3 | CONCLUSÕES

A observação nos permite verificar que existe algo que impossibilita a aprendizagem dos alunos que é de ordem singular e pode ser a expressão de um conflito inconsciente, confirmando nossa premissa de trabalho.

Do ponto de vista do professor, constatamos que um caminho possível para abordagem é alfabetizar letrando, utilizando, por exemplo, histórias, pois, dessa forma, é possível atingir dois alvos ao mesmo tempo: os fins pedagógicos da leitura e escrita propriamente ditos e propiciar a elaboração de conflitos subjetivos. Quando o professor aposta no letramento, considerando como válida a participação oral do aluno, consegue dar ao aluno um lugar de participação em sala de aula, além de possibilitar a ampliação dos recursos simbólicos dos alunos.

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, C. B.; KALMUS, J.; PAPARELLI, R. *et al.* O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 51-72, jan./abr. 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CORDIÉ, A. **Os atrasados não existem** – psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **A psicanálise na terra do nunca**: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

FREUD, S. Conferência XXIII – os caminhos da formação dos sintomas (1917). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** – volume XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud** – volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 178.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 143-179, 1990.

KUPFER, M. C. O sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica. **Educação e realidade**, v. 35, n. 1, p. 265-281, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9371/5412>.

LACAN, J. (1964). **O seminário** – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP** [online], v. 15, n. 1-2, p.83-106, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013>.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 4 n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: <http://www.unifor.br/notitia/file/184.pdf>.

ROSA, D.; DOMINGUES, E. M. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia e sociedade**, v. 22, n. 1, p. 180-188, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326443021>.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização** (1995). 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-372-9

